



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PIBID PEDAGOGIA - CAMPUS JAGUARÃO
AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
COORDENADORA: PROF^a. DR^a. RACHEL FREITAS PEREIRA

PORTFÓLIO

Ao final do trabalho do PIBID/PEDAGOGIA, em janeiro de 2020, foi proposta aos bolsistas de Iniciação à Docência uma atividade de escrita, isto é, um sintético relatório reflexivo, no qual os estudantes redigiram um texto avaliando sua atuação no PIBID/PEDAGOGIA durante os anos de 2018 e 2019.

Tendo em vista que os arquivos completos, de todas as atividades desenvolvidas pelos bolsistas durante os anos de 2018 e 2019, são muito extensos, e a Plataforma CAPES não comporta o tamanho, nos links disponibilizados é possível acessar a todas as atividades, e abaixo é apresentado apenas o relatório reflexivo de cada bolsista.

LNKS PARA ACESSO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS BOLSISTAS DURANTE OS ANOS DE 2018 E 2019:

<https://sites.unipampa.edu.br/pibid/fichamentos-de-livro/>

<https://sites.unipampa.edu.br/pibid/investigacao-diagnostico-e-atividades-envolvendo-a-comunidade-escolar/>

<https://sites.unipampa.edu.br/pibid/publicacoes-pedagogia/>

<https://sites.unipampa.edu.br/pibid/desenvolvimento-de-material-didatico-casa-da-crianca-2018/>

<https://sites.unipampa.edu.br/pibid/desenvolvimento-de-material-didatico-emef-sampaio-2018-2019/>

<https://sites.unipampa.edu.br/pibid/desenvolvimento-de-material-didatico-emei-verdina-raffo-2018-2019/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PIBID
SUBPROJETO: PEDAGOGIA LICENCIATURA
NÚCLEO: AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
PROF.^a: COORDENADORA: RACHEL FREITAS PEREIRA
PROF.^a: SUPERVISORA: DYNARA MARTINEZ
DISCENTE: AMANDA TEIXEIRA RAMIREZ

TEXTO REFLEXIVO

Quando surgiu o edital para ingressar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, eu fiquei com receio de participar e ao mesmo tempo com vontade, pois sabia que era uma oportunidade, mas o medo do novo se fazia presente. Ficamos sempre com receio do novo, com medo de não dar conta, de não saber fazer as coisas. Mesmo com medo, decidi participar e consegui entrar para o grupo. Aos poucos fui me adaptando e hoje vejo o quanto essa experiência foi significativa e importante para a minha formação acadêmica.

Sem dúvidas, o estudante de Pedagogia e de outras áreas precisa ter esse contato com a realidade. Nós de Pedagogia, tivemos a oportunidade de vivenciar experiências dentro da sala de aula, ter contato com as crianças, sentir na pele como é o dia a dia dos professores e como é a rotina na escola.

A escola em que atuei foi General Antônio de Sampaio, situada numa zona de periferia da cidade de Jaguarão e a turma era um Pré-Escolar. Nossa supervisora nos proporcionou outras experiências, além do Pré, atuamos no 5º ano também. Experiência essa que foi muito gratificante, pois os alunos do 5º ano tiveram a oportunidade de realizar diversas atividades que saíam da rotina apenas do ler e escrever, fazendo com que eles lembressem da Educação Infantil. O que acontece nas escolas é que as crianças depois que saem do Pré, se sentem mais adultas e não mais crianças, ficam mais retraídos e seguem a rotina da aula que tem outras funções. O que nossas atividades faziam era totalmente o contrário, tentávamos levar um pouco de brincadeiras, atividades com tinta, de colorir, dinâmicas, etc. Além disso, pude ter a noção também de como é entrar em outras turmas e trabalhar com crianças maiores. Uma experiência ótima, pois quando chegar no estágio da faculdade, não ficarei tão assustada pois já tive um contato com a sala de aula.

Bom, o aprendizado não foi só meu, as crianças também se desenvolveram muito, tanto os alunos do Pré, quanto os alunos do 5º ano. Foram diversas intervenções e atividades com objetivos embasados pela BNCC e criados por nós também, com o propósito de estimular a

curiosidade, imaginação, desenvolver suas potencialidades de uma forma lúdica, prazerosa e divertida.

Refletindo sobre as intervenções, lembrei da primeira intervenção que eu e minha colega Amanda Noronha fizemos. Foi uma história chamada “Na minha escola todo mundo é igual” da autora Rossana Ramos. Contamos em forma de varal, onde contávamos e íamos colocando as folhas do livro no varal para os alunos visualizarem. Esse livro tinha uma mensagem que era o de não ter preconceito, de respeitar os outros e achávamos que seria importante logo de entrada trabalhar o tema de bullying com as crianças do Pré e principalmente com as do 5º ano, pois sabemos que é “comum” ter apelidos maldosos nas turmas. No Pré o objetivo foi nesse sentido também, mas o foco era para as crianças se olharem no espelho e perceberem suas características: olhos claros ou escuros, cabelo crespo ou liso, a cor da pele e percebessem que todos nós somos diferentes, mas que todos devemos nos respeitar. Além disso, elas tinham que desenhar seu rosto, desenhando como se enxergavam. Assim “desenhar a si é uma forma de adentrar ao mundo. Nas séries iniciais a representação da figura humana é de suma- importância para a compreensão da própria representação”. (SILVEIRA; RODRIGUES, 2012, p. 2). Percebemos que foi uma tarefa difícil, mas que as crianças já percebem suas características e dos colegas também. No 5º ano foi feita uma dinâmica, nós colamos uma folha atrás de cada aluno e pedimos para eles escrevessem uma qualidade do colega que estava na sua frente. Conversamos também e realmente tinha casos de apelidos maldosos. Enfatizamos o quanto isso é triste para a pessoa que está sendo ofendida, que não é certo fazer isso com os colegas pois nós não gostaríamos que fizessem isso com a gente. Terminamos a intervenção com o sentimento de que aquilo cativou os alunos e que eles não iam desrespeitar uns aos outros.

Outra intervenção positiva foi quando os alunos do 5º ano nos pediram para eles mesmos contarem a história que tínhamos levado. Cada aluno leu um pedaço da história para seus colegas. Percebemos nesse dia que nossa presença ali, naquele espaço, tinha despertado um interesse pela leitura, pelos livros. Sabemos que no dia a dia nas escolas, o foco geralmente é em livros didáticos, onde o aluno não se envolve muito, pois é um livro de conteúdo e não de aventuras, magias, fantasias onde as crianças se aventuram no imaginário, se divertindo enquanto olham as figuras e leem o desfecho da história. Portanto como nos diz Kaercher (2001):

Se observarmos atentamente, veremos que é destas práticas, de ouvir e contar histórias, que surge a nossa relação com a leitura e a literatura. Portanto, quanto mais acentuarmos no dia a dia da Escola Infantil estes momentos, mais estaremos

contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento. (KAERCHER, 2001, p. 82)

Essa prática de contar e ouvir histórias não deve acabar depois que as crianças saem da Educação Infantil, deve continuar nas séries iniciais e em toda trajetória escolar para que as crianças se tornem leitoras.

Além de intervenções sobre leitura, realizamos atividades diferentes que envolviam histórias também, como por exemplo a ginástica historiada. Que consiste na contação da história e a execução dos movimentos ao mesmo tempo. Realizamos mais de uma atividade assim e foi uma diversão total para as crianças. Ao mesmo tempo em que imaginam a história, podiam se sentir parte dela ao executarem o que a trama pedia, brincando e aprendendo. Fizemos essas atividades nas duas turmas e as crianças do Pré faziam a festa, as do 5º ano tinham vergonha no começo, depois se soltavam.

Essa atividade era uma brincadeira que eles se movimentavam, expressando sentimentos, sensações. E como diz Sayão (2002), “a criança utiliza seu corpo e o movimento como forma para interagir com outras crianças e com o meio, produzindo culturas. Essas culturas estão embasadas em valores como a ludicidade, a criatividade nas suas experiências de movimento”. Ouvindo uma história, brincando e se sentindo parte dela a cada movimento. Para mim, a ginástica historiada foi uma atividade que as crianças mais gostavam de fazer.

Também propomos atividades envolvendo pintura com tinta e dobradura, que é uma atividade para as crianças se expressarem livremente, explora, através das mãos as possibilidades de ideias, criações, entrando em contato com a tinta. Levamos e contamos a história “Chapéu de papel” da autora Regina Siguemoto, depois os alunos carimbaram com as mãos o papel pardo formando a bandeira do Brasil. Os alunos do 5º ano já conheciam a história em forma de música, onde isso facilitou o entendimento da mesma. Após a contação houve uma conversa com eles, onde explicaram um pouco que sabiam sobre o dia do soldado e sua importância, assim como a importância da semana da Pátria. Depois propomos a atividade, que incidiu de forma muito positiva, onde percebemos a total participação da turma. Na hora de pintar, pedimos para utilizarem as mãos e não pinceis. Dessa forma, eles entraram em contato com a tinta, onde sentiram a sensação e a textura carimbando com as mãos, deixando sua marca e se sentindo parte do trabalho. Fazendo a reflexão dessa intervenção concordamos com o pensamento de Richter (1999, p. 57) onde enfatiza que “Brincando com tintas, cores, pinceis, rolos, água, explora não apenas o mundo material e cultural à sua volta como também expressa e comunica sensações, sentimentos, fantasias, sonhos, ideias, através de imagens e palavras”.

Na turma do Pré, a contação foi um pouco mais animada, pois logo que iniciamos a história os alunos começaram a cantar, mostrando que já conheciam a história em forma de música também. Com isso, começamos uma conversa onde buscamos entender o que eles conheciam, e complementamos as informações que eles já tinham. Após este momento de trocas de saberes, realizamos a atividade de construção do chapéu de papel, ensinando passo a passo da sua montagem. Eles tiveram uma certa dificuldade nesse momento, pois, exige muito da coordenação fina, pacientemente ajudamos e contamos com a ajuda do pibidiano Leandro para auxiliar na atividade. Depois cada um coloriu a sua dobradura utilizando cores aleatórias, diversificando ainda mais a atividade. Em uma breve reflexão, percebemos a importância que a pintura e dobradura tem, e como ela auxilia na imaginação da criança.

A pintura pode ser definida como a arte da cor. Se no desenho o que mais se utiliza é o traço, na pintura o mais importante é a mancha da cor. Ao pintar, vamos colocando sobre o papel, a tela ou a parede cores que representam seres e objetos, ou que criam formas. (COLL; TEBEROSKY, 2004, p. 30).

Enfim, acredito que o PIBID proporcionou a nós estudantes de Pedagogia e a todas as crianças das escolas participantes, uma experiência única e significativa. Eu me desenvolvi muito mais, era mais retraída, tímida e com dificuldade de me expressar, tinha insegurança em estar em sala de aula e não saber lidar com as crianças pequenas e com as maiores. A cada intervenção fui me desenvolvendo e ao perceber que as crianças também estavam se desenvolvendo, percebi que o PIBID só tem a agregar na vida acadêmica de nós estudantes e das crianças.



Contação em forma de varal



Os alunos estavam se olhando no espelho e me dizendo o que viam.



Dinâmica com o 5º ano.



Aluno contando a história para seus colegas.



Roda com os alunos para começar a ginástica historiada.



Meu colega Alex fazendo os movimentos com as crianças.



Alunos do 5º ano participando da ginástica historiada.

REFERÊNCIAS

- COLL, Cesar; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo arte: conteúdos essências para o ensino fundamental.** São Paulo: Ática, 1999. 256 p.
- CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, cap. 7, p. 82.
- RICHTER, Sandra. **Manchando e narrando: O prazer visual de jogar com cores.** In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.). *Cor, Som e movimento.* Porto Alegre: Mediação, 1999.
- SAYÃO, D. T. (2002): “**Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil**”, in: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T., e PINTO, F. M. (Org): *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física.* Florianópolis: Ed. Da UFSC.
- SILVEIRA, Greice. RODRIGUES, Monica Neves. **Identidade e autorretrato.** Anais do IV Simpósio sobre formação de Professores – SIMFOP Universidade Do Sul de Santa Catarina, Campos de Tubarão, 2012, p. 2.